

PAISAGEM, UMBRAIS, INTERIOR: MUTAÇÕES DE UMA METRÓPOLE

*LANDSCAPES, THRESHOLDS AND INTERIORS: MUTATIONS IN A METROPOLIS |
PAISAJE, UMBRALES, INTERIOR: CAMBIOS DE UNA METRÓPOLI*

MIRANDULINA MARIA MOREIRA AZEVEDO

RESUMO

Entre a metrópole que se instaurava no começo do século 20 e a imposição do elo inexorável entre o tecnológico e o urbano contemporâneo, conformam-se relações entre noções como umbrais, interior e exterior, que deixam ver naqueles primórdios em que a paisagem urbana cortava os vínculos com a memória do lugar o índice do que acontece hoje com a metrópole. Essas noções tornam-se estratégicas sob o ponto de vista de dois aspectos: relacionado às reflexões sobre a memória da metrópole, em especial, para tratar de São Paulo, e atinente à condição contemporânea da arquitetura; a compreensão dos seus enfrentamentos no primeiro momento funciona como ensaio com o qual se pode confrontar as vicissitudes da arquitetura, hoje. A visada retoma um mote benjaminiano: a revisitação ao momento da transformação da cidade em metrópole no intuito de iluminar o presente quando interpretações sugerem que a metrópole prescinde de sua realidade física.

PALAVRAS-CHAVE: Interior. Metrópole. Paisagem. Umbrais.

ABSTRACT

Amidst the incipient metropolis of the early 20th Century and the imposition of an inexorable link between the contemporary urban and technological elements, relationships among notions such as thresholds, interiors and exteriors are shaped. By referring to the primordial times when the urban landscape severed its links with the local memory, these relationships evidence an indicator of what happens today with the metropolis. Such notions become strategic by taking two aspects into account, one related to reflections about the memory of the metropolis, specially concerning São Paulo, and pertaining to the contemporary condition of architecture; the other, the understanding of their challenges in the first moment works as an essay through which it is possible to face the circumstances surrounding current architecture. This view retrieves a Benjaminian approach: revisiting the moment the city transforms into a metropolis with the intent of illuminating the present, when interpretations suggest that the metropolis waives its physical reality.

KEYWORDS: Interior. Metropolis. Landscape. Thresholds.

RESUMEN

Entre la metrópoli que se instauraba a inicios del siglo 20 y la imposición del eslabón inexorable entre lo tecnológico y lo urbano contemporáneo, se establecen relaciones entre nociones tales como umbrales, interior y exterior, que dejan ver en aquellos inicios en que el paisaje urbano cortaba los vínculos con la memoria del lugar el índice de lo que sucede en la actualidad con la metrópoli. Esas nociones pasan a ser estratégicas desde el punto de vista de dos aspectos: uno relacionado a las reflexiones sobre la memoria de la metrópoli, en especial para referirse a São Paulo, y relacionada a la condición contemporánea de la arquitectura; la comprensión de sus enfrentamientos en un primer momento funciona como ensayo con el cual se pueden enfrentar las vicisitudes de la arquitectura en la actualidad. La observación vuelve a un lema benjaminiano: la revisión del momento de la transformación de la ciudad en metrópoli con la intención de iluminar el presente cuando algunas interpretaciones sugieren que la metrópoli prescinde de su realidad física.

PALABRAS CLAVE: Interior. Metrópoli. Paisaje. Umbrales.

Em geral, em cada coisa existente, podemos notar que ela é. Mas isto também é notado para logo ficar esquecido por força do hábito.

(HEIDEGGER, 2010, p.167).

A imagem mental sempre representa algo do mundo, e o mundo representa-se nela, já que é sempre através da imagem do mundo que agimos e vivemos.

(HUCHET, 2012, p.226).

INTRODUÇÃO

A imposição do elo inexorável entre o tecnológico e o urbano contemporâneo, presente nas reflexões de (SASSEN, 2013), encontra suas pistas no surgimento da metrópole do início do século 21 e finais do século 19. Interessa-nos revisitá-la em seus primórdios para compreender as imbricações entre paisagem, umbrais, interior e exterior na arquitetura identificadas por (TEYSSOT, 2010). O processo de rememoração é estratégico sob o ponto de vista de dois aspectos: relacionado às reflexões sobre a memória da metrópole, em especial, para tratar de São Paulo¹, e atinente à condição contemporânea da arquitetura. A compreensão dos seus enfrentamentos, no primeiro momento, funciona também como ensaio com o qual se pode confrontar as vicisitudes da arquitetura, hoje. A visada retoma um mote de (BENJAMIN, 2007): da visitação ao momento da transformação da cidade em metrópole no intuito de iluminar o presente quando novas interpretações sugerem que a metrópole parece prescindir de sua realidade física.

O tema da metrópole perpassa a discussão de um número considerável de autores, mas é em George Teyssot e sua releitura de Walter Benjamin que encontramos referências mais específicas para uma retrospectiva. De certo modo, utiliza-se aqui o mecanismo da rememoração para analisar as mutações da metrópole. Essa retrospectiva será desenvolvida em três *démarches* sucessivas: a paisagem reencontrada, os umbrais e a relação interior e exterior na arquitetura.

As revistas de engenharia do início do século 20 reuniram documentação fundamental para a compreensão da passagem de São Paulo ao patamar de metrópole. Nesse artigo, cujo eixo é refletir sobre a transformação urbana do início do século XX como base para compreender as mudanças que ocorrem no século 21, selecionamos algumas ilustrações da Revista de Engenharia e do Boletim do Instituto de Engenharia.

Em razão desse recorte procuramos, seguindo as pistas de Benjamin, incluir imagens que explicassem a condição de metrópole (estrutura) enquanto determinado contexto (São Paulo).

A PAISAGEM REENCONTRADA

A paisagem reencontrada é resultado dos efeitos, como na metáfora benjaminiana, da tempestade que sopra sobre o anjo da história cujo nome é progresso. Em São Paulo, na virada para o século 20, momento flagrante de mutação da paisagem urbana, é possível encontrar similitudes nos discursos dos mais diversos autores e recortes: Toledo (1983), Lemos (1989) Pinheiro (1989), Sevcenko (1992), Marins (1998), Brito (2008), Albuquerque & Giatahy (2011) e Santos (2011). Dentre tantas outras referências o registro em plano geral de Langenbuch favorece uma releitura privilegiada em termos de paisagem. Os limites da análise do autor permitiram uma abordagem global em que o uso de mapas tornou a compreensão dos processos fortemente imagística:

Durante a década de 1890 a 1900 a cidade de São Paulo conheceu seu maior impulso evolutivo. O município da Capital, que contava com 64.934 habitantes no primeiro dos mencionados anos, quase quadruplicou a sua população, contendo 239.830 habitantes. A planta da autoria de Gomes Cardim, datada de 1897, retrata tão espantoso crescimento. Constatamos que pouco falta para que o 'cinturão das chácaras' seja inteiramente absorvido pela cidade (LANGENBUCH, 1971, p.82, grifo nosso).

Foi um momento propício para investimentos em Bolsa, promovendo efeitos importantes e positivos sobre a vida urbana de São Paulo, com as atividades imobiliárias (Figura 1) se transformando numa das grandes opções de investimentos (SANTOS, 2011). A dilatação dos limites urbanos desenhava a nova paisagem, neste momento as linhas movimentam-se em velocidade para longe do centro, segundo Langenbuch:

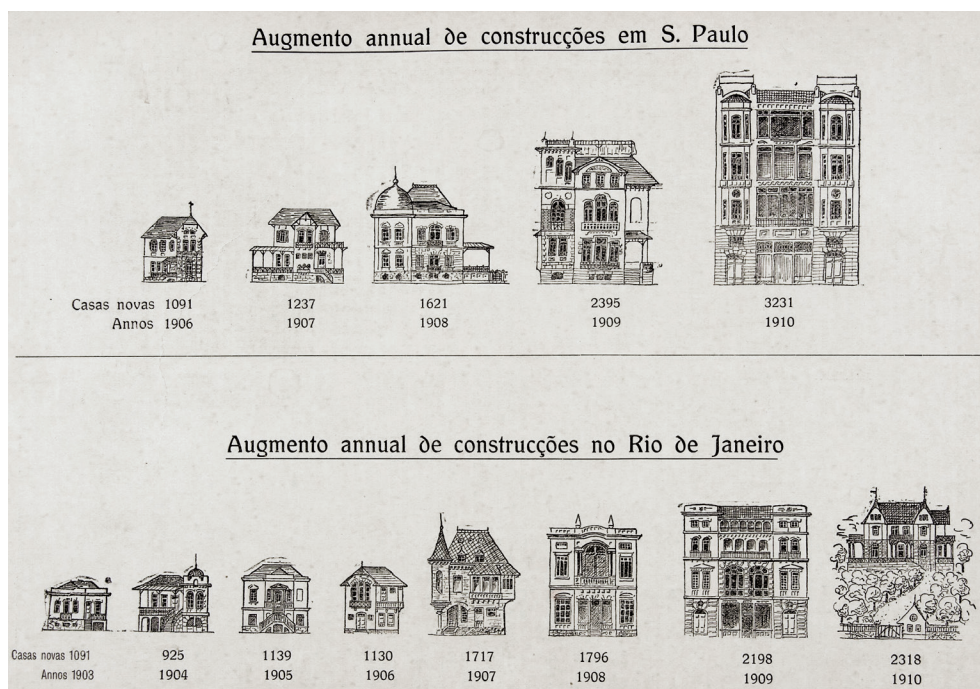


FIGURA 1 — Quadro comparativo. Fonte: Aumento anual das construções (1911).

[...] a citada planta nos mostra também uma nova tendência que se esboçara nos últimos anos, e que passaria a caracterizar a cidade nas décadas seguintes. Trata-se do surgimento de arruamentos isolados, completamente separados da cidade propriamente dita por áreas não loteadas (LANGENBUCH, 1971, p.82).

Em termos pictóricos uma paisagem fraturada? A figura é gerada sem fundo, sem necessidade de ilusão de que o fundo está por trás, aliás, o fundo, em certos casos, está justaposto, em outros envolve a figura. Áreas da cidade são apreendidas como porções vivas de uma tela: falta pouco para que o “cinturão das chácaras” seja inteiro absorvido [...] a cidade em sua expansão passava a ocupar uma área muito mais ampla do que seria necessário e funcionalmente conveniente” (LANGENBUCH, 1971, p.83). Um processo sem dúvida engendrado pela especulação imobiliária que

[...] provoca sempre a aquisição de lotes visando apenas fins lucrativos, os quais consequentemente permanecem desocupados. Por outro lado, em função do espantoso crescimento da cidade, o comprador de lotes, mesmo afastados, seguramente tinha a consciência ou a impressão de que a cidade não tardaria a alcançar o local (LANGENBUCH, 1971, p.83).

A ampliação da área deve também seus impulsos às transformações tecnológicas implementadas à época, no entanto a ‘gula’ territorial é resultado de interesses especulativos:

A expansão difusa e interrompida do espaço urbano passou ainda a ser facilitada, a partir de 1900, pelo bonde elétrico, cuja primeira linha fora instalada neste ano, e que rapidamente se expandiu, tendo em 1905 substituído completamente os bondes de burro. A concessionária “Light&Power” não hesitou em estender suas linhas aos principais, dentre os bairros mais afastados, atravessando grandes extensões ainda não urbanizadas (LANGENBUCH, 1971, p.83).

Do ponto de vista pictórico a rede de circulação estabelecida sugere linhas de força e as de ocupações a noção de mancha na paisagem que se desenhava abstrata. Nesta dinâmica, novas manchas territoriais assumem destaques específicos: consuma-se a estratégia de conceber bairros como espaços privados (MARINS, 1998). O historiador descreve esta lógica diante de uma vista em voo de pássaro da cidade:

Na vizinhança de iguais a busca do viver ‘civilizado’: a mancha de bairros-jardins concentrada a sudoeste da capital paulista possibilitou a criação de um grande espaço habitacional e social homogêneo, em que a privacidade dilatava-se para as ruas e para os bairros frequentados por moradores semelhantes (MARINS, 1998, p.184).

A ordem estabelecida nos empreendimentos da cia *City*, bem explicada nas linhas acima, rompia a antiga relação rua-casa, e seria um ensaio para práticas futuras. Quanto às construções do período, conforme (MESQUITA, 2011) estas registram as mudanças já em curso desde o final do século XIX, em cidades de todo mundo, no caso da metrópole paulista, a substituição do antigo sistema construtivo da taipa de pilão pela alvenaria de tijolos, pelo ferro e pelo concreto colocava em termos técnico construtivos, uma espécie de desconexão entre tradições construtivas.

Para o habitante a percepção de que este suporte de memória (tradição construtiva) entrava em desuso era matizada por seu caráter ambivalente: se a cidade feita, literalmente, de barro, entrava em crise: afinal, era “uma cidade cujos taipais dissolviam-se por causa da chuva” (MARINS, 1998, p.172); ou ao contrário, se, ao ser construída com materiais provados pelo fogo, signo da indústria, este transferia sua lógica de renovação implícita à cidade, e neste caso tratava-se de progresso. Do material modelado pela água (a taipa de pilão) àqueles modelados pelo fogo, o ferro seria o protagonista da criação da nova paisagem urbana: “as linhas férreas tiveram suas linhas instaladas ao longo do nível e dos percursos dos rios que atravessam São Paulo” (SANTOS, 2011, p.64), de modo que a linha de ferro contornava a linha preexistente da água, e viria a dar plenas condições à mutação da paisagem com a inserção das indústrias. Desde o século XIX a ferrovia havia sido a linha do desenho da ampliação funcional da cidade que assumindo a escala de uma rede mais vasta (interurbana) definia seu papel hegemônico de metrópole.

O livro a fazer jus a esta compreensão “Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação”, já em seu título, destaca, seu intuito preservacionista, a autora, Kühl (1998), colocou em tela o sistema ferroviário como o elemento estrutural da paisagem da modernização, alertando para o comprometimento deste patrimônio cultural. Este imenso panorama que é a paisagem construída pelo sistema ferroviário, se inscreve em um arco temporal que se inicia nas últimas décadas do século XIX. Em grande parte, vem sendo substituído, apagando-se extensões de tempo e espaço, em que gera-se um ambiente amnésico. Na paisagem da metrópole atual novos interesses sobrepõem-se a esta escrita, operações como ampliações, complementações, novas conexões, lacunas, desconexões, desfigurações urbanas, numa lógica de permanente mudança. Vale o dito de Heidegger: Em geral, em cada coisa existente, podemos notar que ela é. Mas isto também é notado para logo ficar esquecido por força do hábito. Então, sob o influxo do que sempre muda, a paisagem periférica nunca se monumentaliza pois ela é propriamente *junkspace* ou seja “Se o lixo espacial (*space-junk*) é o entulho humano que emporcalha o universo, o *junkspace* (espaço-lixo) é o resíduo que a humanidade deixa sobre o planeta” (JAMESON, 2013, p.197).

O que se põe hoje, em retrospecto da nascente metrópole, é, numa operação metonímica, um recorte espacial determinado, o núcleo histórico. É a partir dele que tem sido narrada a vida pregressa da cidade, seja por ter sido *locus* político original, seja pelos materiais duros com que passou a ser construída. A área central de São Paulo, um dos muitos recortes de paisagem da metrópole paulistana, assume deste modo o papel de ser

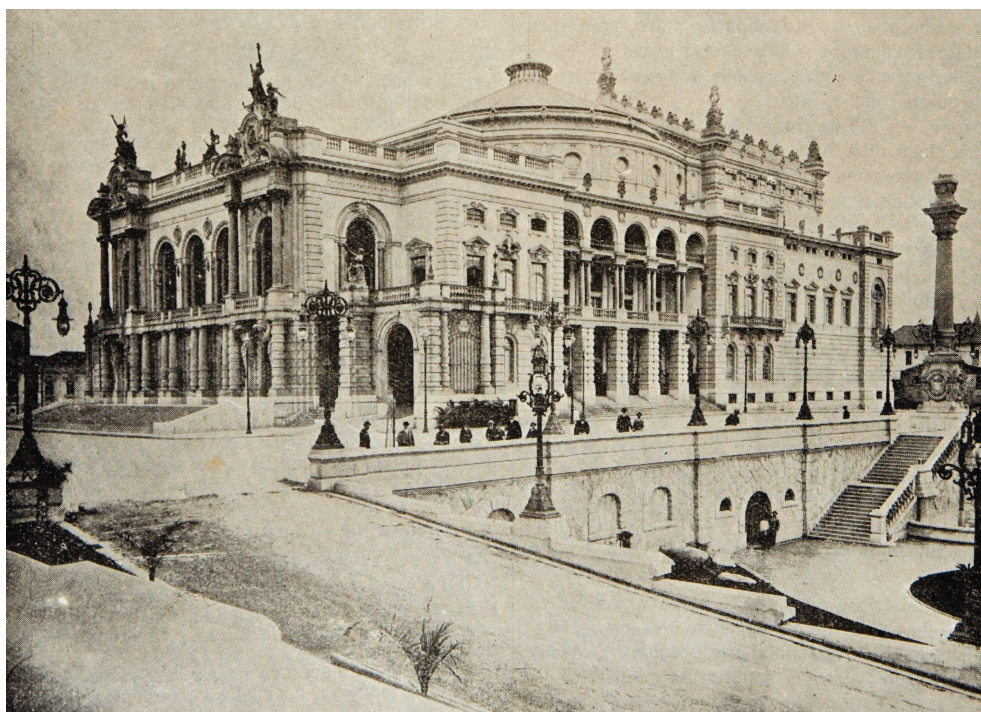


FIGURA 2 — Teatro Municipal (1911).
Fonte: O Theatro Municipal de São Paulo (1911)

a representação de todo um espaço mais vasto e de um tempo de sensível e emblemática mutação, e não se tratava somente de renovação de fachadas, o período incluiu a construção de estruturas urbanas.

Do ponto de vista de uma memória urbana como fragmento de uma narrativa duas construções icônicas: o Teatro Municipal (Figura 2) de 1911 e o Viaduto Santa Efigênia. Parte significativa desta conversão aos signos da modernidade, constitui-se, hoje, monumentos da figuração da época, e menos ameaçadas que as grandes áreas abandonadas continuam em pleno uso, preservadas. Entende-se que “as metamorfoses de uma cidade se inscrevem, de uma maneira significativa, na duração, graças à realização de certos projetos urbanos que, pensando a cidade como paisagem, criam paisagem” (JEUDY, 2005, p.123).

UMBRAIS

A relação entre interior e exterior mudava, a cesura entre ambos de rompia, à medida que a outrora parede lisa, recebia os ornamentos sob a forma de dobras, curvas, sobreposições. Com aumento das aberturas mais se desvanecia o umbral que em tempos mais antigos fora constituído pela rótula, descrita por MARINS (2001) como elemento arquitetônico emblemático de arcaicas práticas de vida locais. Tais detalhes de ornamentação ofereciam aos olhos do transeunte o seu poder de atração.

Na verdade, no caso de São Paulo, verificou-se uma ‘invasão’ indiscriminada do estilo eclético vigente na Europa, invasão esta possibilitada pela importação em massa de materiais construtivos europeus, transportados e distribuídos por todo o estado pela ferrovia. Entre tais materiais, contavam-se desde prosaicos tijolos até ornamentos acabados (cornijas, frontões, frisos, etc.), prontos para serem anexados às singelas fachadas coloniais. É fácil imaginar o impacto de tais elementos na configuração arquitetônica paulista, rapidamente adaptada aos novos modismos (RAMALHO, 1989, p.175).

O que a autora está a relatar é fenômeno complexo do ponto de vista da memória construtiva local. De um lado a questão da negação da tectônica, parece que se deseja negar o modo de vida do passado aderido àquela técnica. Por outro lado, concomitante, havia o seu aproveitamento como mero suporte pois a operação se completava com a ‘colagem’ dos elementos figurativos, o processo seria aquele da ornamentação, do ‘*horror vacui*’. A paginação das fachadas repletas de elementos fabricados alhures (assim como os trilhos das ferrovias) e a sua natureza *prêt-à-porter* evidencia o caráter globalizado da paisagem urbana da época. A imposição de outra tectônica ocorreria à medida que as edificações de taipa foram sendo substituídas pelas construídas com alvenaria de tijolos. Barbuy (2006) destaca a substituição dos materiais e a imposição gradativa do uso do vidro nos pedidos para realização de obras do período 1886-1914.

Deve-se acrescentar que, gradualmente, começam a aparecer também profissionais do ramo, atraídos pela afluência de dinheiro nas mãos dos cafeicultores e pela carência de elementos especializados no país. É assim que chegam os primeiros arquitetos estrangeiros, dispostos, por força das circunstâncias ou convicção pessoais, a enfatizar a supremacia dos valores culturais e ideológicos europeus sobre os da província. Ao mesmo tempo, com a vinda dos imigrantes europeus vêm também os mestres-de-obra italianos, que passam a participar ativamente do cenário construtivo, com sua herança cultural (PINHEIRO, 1989, p.175).

Este contexto de mudança pode ser aferido por uma importante fonte da época: as revistas especializadas em construção. As vicissitudes enfrentadas pela cidade em transformação são registradas pelos engenheiros e arquitetos de uma maneira especial — como agentes identificados com o discurso científico e interessados diretamente no processo por especialidade profissional. Das referências de São Paulo do início do século XIX, sonolenta, modorrenta, como que presa a sequência de ciclos vitais, da cidade como um ser, como para Bachelard, da casa como um ser, para a cidade como máquina, a metrópole que não dorme. Pois afinal a conversão ser-máquina é antes engendrada da cidade para a casa. George Teyssot lembra que já em 1853 o arquiteto Adolphe Lance se pronunciava: “uma casa é um instrumento, é uma máquina, por assim dizer que não só serve de refúgio ao homem, mas que deve submeter-se, tanto quanto possível a todas as suas necessidades, de acordo com suas ações e multiplicar os resultados de seu trabalho” (TEYSSOT, 2010, p.137). Entendimento explícito nas páginas da Revista de Engenharia de 1912: a ilustração de uma habitação em corte com o interior exposto (Figura 3). Estava em andamento uma mutação:

Uma mudança sensível na abordagem sobre a cidade. Se antes o foco das práticas profissionais traduzia-se em termos de infraestruturas, ‘reformas’, ‘remodelação’ urbana necessária à modernização em curso, posteriormente o problema e a ação do poder público se deslocariam para a casa [...] Em outras palavras, buscava-se uma nova ordem para a cidade a partir da casa, e esta mudança atestava que a gestão da cidade passaria a incluir os espaços da vida privada (AZEVEDO, 2011, p.58-59).

De uso corrente nas revistas européias este tipo de representação gráfica, que tinha como tema a dissecação do immeuble como um corpo anatômico (...) que assim seccionado pelo corte arquitetônico, exposto a toda gente pela divulgação científica, e aberto à literatura social íntima de escritores como Balzac ou Zola, revelava-se como fachada (TEYSSOY, 2010, p.238).

E justificava, também, primeiro, o que é mais óbvio, que o discurso do engenheiro era crítico em relação à decoração da fachada. Segundo, a noção de casa como máquina que deve suprir necessidades como a demanda da saúde com equipamento específico, e estava implícito, eram novas demandas. Sim, antes, as demandas de saúde eram outras, as exigências da vida metropolitana introduziram mudanças. Terceiro, e decorrente do segundo aspecto, o desenho expõe o fluxo entre a casa e a cidade - o sistema de abastecimento de água e esgoto, e supostamente, todos os demais sistemas (eletricidade, gás, telefonia). A moradia tornava-se mais dependente dos sistemas de infraestrutura da cidade e neste sentido mais permeável ao controle social.

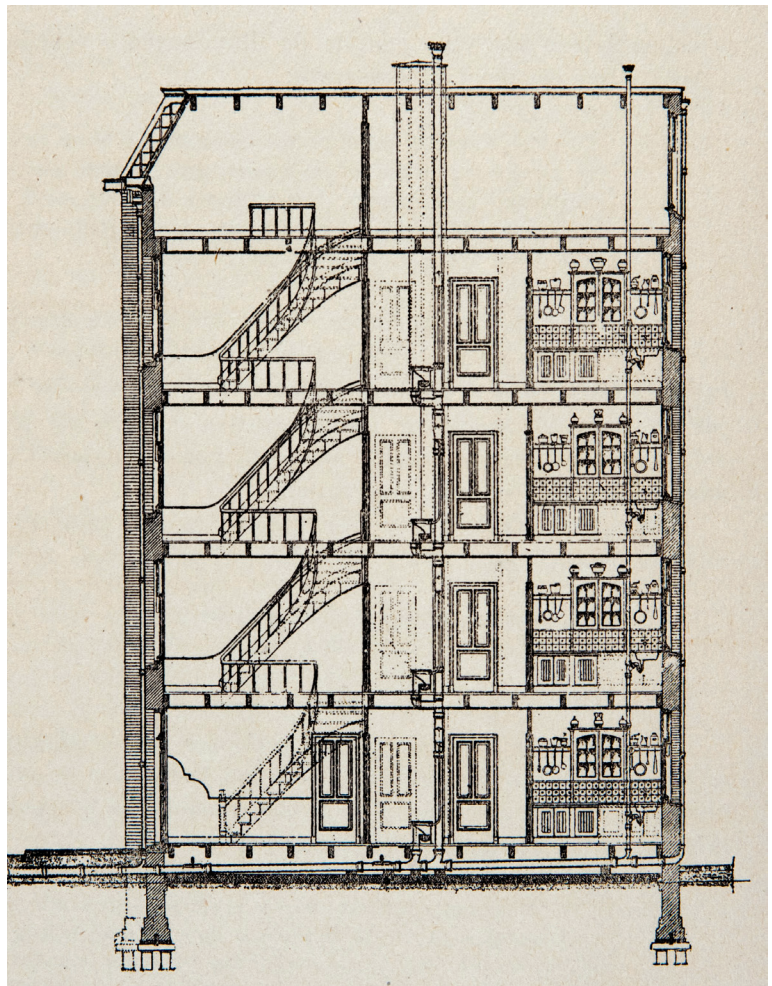


FIGURA 3 — Corte.
Fonte: Freire Júnior
 (1918).

INTERIOR E EXTERIOR

Inversamente, o indivíduo, neste contexto tornava-se mais autônomo e aberto a novas experiências.

Enquanto microcosmo da cidade a rua passava a representar o espaço privilegiado para a instauração e a reprodução das relações de poder que também se transmutavam em níveis econômico, social e cultural, pois nestes espaços os bondes, teatros, cafés, boulevares, etc, que expressavam os valores da Belle Époque e quem os frequentasse e os consumisse estavam introduzidos à nova forma de viver (SANTOS, 2011, p.63).

As facilidades proporcionadas pela tecnologia poupavam esforços despendidos na manutenção da moradia. Para o habitante a mudança se introduzia na sensibilidade e no comportamento, tratava-se, portanto, de mudança de hábitos:

O antigo hábito de repousar nos finais de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito. Sob o epíteto de ‘diversões’, toda uma nova série de hábitos físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporando em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana (SEVCENKO, 1992, p.33).

Há na narrativa de Sevcenko, fragmento do livro “Orfeu extático na metrópole” um diagnóstico acerca dos primórdios da metrópole paulistana. Vale a pena sublinhar alguns aspectos enunciados pelo historiador. Primeiro, a substituição do descanso pela diversão expõe o protagonismo da rua sobre o interior doméstico. Segundo, a diversão se traduzia por novos hábitos que, segundo o autor, seriam incorporados ao cotidiano.

Supõe-se então que nas primeiras décadas do século XX a rua era, efetivamente, tratada e vista como espaço relevante da vida. A perda desta importância se daria gradativamente com a incorporação do automóvel no cotidiano de setores crescentes da população. Da metáfora pictórica anunciada no início temos que nos dias atuais o sistema de transporte público articulando trens e metrô substituiria o papel das antigas linhas de força representadas pelos bondes do começo do século, porém as lacunas persistem, não só nas áreas periféricas, antigas áreas centrais consolidadas convertem-se em vazios de uso e abrem-se novamente à especulação imobiliária.

Suspeita-se que, hoje, a diversão tenha sido substituída pelo descanso para uma ampla maioria. Os extensos trajetos casa-trabalho obrigam o habitante metropolitano a desejar o interior doméstico e seu relativo conforto proporcionado pelos eletrodomésticos, *gadgets* e conexões virtuais.

Pensemos sobre as metamorfoses do umbral: do muxarabi colonial com a separação dos lugares de uso público e privado à transparência da janela de vidro e a sua exposição da vida doméstica (a expressão de Habermas da ‘privacidade sobre holofotes’). A arquitetura do cotidiano e seus muros altos, com seus olhos mágicos e câmaras de vídeo, e a sua ‘vida interior’ fisicamente inacessível, mas sempre potencialmente a um passo de uma exposição fatal nas redes; trata-se sempre de regular formas de controle, em que o suporte físico não deixa de existir como barreira, e a ele se soma o mecanismo ótico. “Aqui se encontra a teoria do aparato (Benjamin) a teoria do regime de controle (Foucault)” (TEYSSOT, 2010, p.27).

Pelo que se vê no ambiente hoje, essas práticas se acentuaram devido à potência multiplicadora da estratégia de conceber espaços públicos como privados cuja expressão máxima é o condomínio fechado. Os umbrais se aprimoraram com os dispositivos de con-

trole eletrônico mas não deixaram de basear-se em obstáculos físicos. Tais dispositivos se estendem pontualmente a cada edificação por toda a metrópole e desta para qualquer cidade, a escala desta já não importa.

Deste modo, o interior, na modernidade contemporânea, sobrepõe-se ao exterior. Mas, a crer pelas interpretações acerca das mudanças introduzidas pela tecnologia no urbano o limite interior-exterior perdeu os sentidos:

As constantes do meu mundo não são mais dadas por um território doméstico contíguo: cada vez mais, meu senso de continuidade e pertencimento deriva do fato de eu estar eletronicamente ligado em rede às pessoas e lugares que me importam, por mais amplamente espalhados que eles estejam (MITCHELL, 2013, p.183).

No limite, interpretações como esta parecem sugerir que a metrópole pode prescindir de sua realidade física. Saskia Sassen a respeito, adverte:

A hipermobilidade ou desmaterialização geralmente é entendida como uma função das novas tecnologias. Esse entendimento obscurece o fato de que são necessários múltiplos materiais para alcançar tal resultado. Ao reconhecermos que a hipermobilidade do instrumento ou a desmaterialização da unidade imobiliária real teve de ser produzida, introduzimos a sobreposição entre material e não material (SASSEN, 2013, p.140).

Quanto às mutações verificadas entre a arquitetura do começo do século XX e a do século XXI constata-se que duas ordens vem sendo modificadas: a da relação com o corpo e da materialidade e temporalidade.

A superficialidade da construção padrão de hoje é reforçada por um senso enfraquecido de materialidade [...] Os prédios da nossa era tecnológica em geral visam de maneira deliberada à perfeição atemporal e não incorporam a dimensão do tempo ou o processo inevitável e mentalmente importante do envelhecimento (PALLASMA, 2011, p.30).

Dos efeitos do acúmulo de detalhes, da heterogeneidade das fachadas da arquitetura eclética, ocupadas pela gradativa presença do vidro como estratégia de exposição de mercadorias e que configurava o que Heloisa Barbuy chamou de cidade-exposição, passou-se à homogeneidade lisa das superfícies lisas e refletoras de hoje. Entre estes extremos houve a arquitetura moderna, na qual o uso intensivo do vidro, se era paradigma de transparência, como um dispositivo do ver através, já, em certo grau, anunciava também sua propriedade refletora, passagem que para “o dispositivo reflexivo, o espelho, ‘um

vidro de olhar', serve como intermediário entre dois mundos, abrindo a possibilidade da figuração e da ilusão" (TEYSSOT, 2010, p.244).

No esquema tradicional, esclarece Juhani Pallasma: a noção de arquitetura implica a medição inconsciente do objeto ou da edificação com o corpo do observador, e na projeção de seu esquema corporal no espaço em questão (PALLASMA, 2011, p.63), e, nesse aspecto, (LINN, 2013) discute novos problemas introduzidos também com os novos materiais e operações como a curvilinearidade.

Ora, se no padrão da arquitetura de hoje o predomínio das superfícies refletoras cujas estruturas (quando são visíveis) só se referem as suas próprias necessidades de sustentação, e se não parametrizam proporções humanas, em contrapartida, tais superfícies funcionam como espelhos para os usuários. Em outras palavras, essa arquitetura inclui em seus jogos narcisistas o próprio transeunte, e este, ao ver sua imagem refletida na superfície das edificações, não podendo ser indiferente ao que vê, considera fazer parte do jogo.

CONCLUSÃO

Conclui-se em termos gerais: primeiro, os umbrais se aprimoraram com os dispositivos de controle eletrônicos mas não deixaram de basear-se em obstáculos físicos. Tais dispositivos se estendem pontualmente a cada edificação por toda a metrópole e desta para qualquer cidade, a escala desta já não importa. Segundo, o interior, na modernidade contemporânea, sobrepõe-se ao exterior e a crer pelas interpretações acerca das mudanças introduzidas pela tecnologia no urbano o limite interior-exterior perdeu os sentidos. Por fim, o vidro como superfície arquitetônica não é, como talvez tenham sido as vitrines nos primórdios da metrópole. Naquele momento a transparência predominava sobre os efeitos da reflexão da imagem. Hoje ao contrário, o espelho torna-se superfície arquitetônica, modifica a relação interior e exterior e desmancha antigos umbrais. Resta uma barreira finíssima, mas ainda assim, um poderoso umbral.

NOTAS

1. Este texto é resultado, em parte, da pesquisa de Pós-Doutorado, Programa Nacional de Pós-Graduação/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: "Registros em revista da arquitetura em São Paulo (1900-1920): contribuição a sua preservação", realizada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. As fontes utilizadas no referido Pós-doutorado foram: *Polytechnica*, *Revista de Engenharia*, *Revista de Engenharia do Mackenzie College* e *Boletim do Instituto de Engenharia*.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M.B.P.; GIATAHY, M.L.C. Luz, ar e sol na São Paulo moderna: insolação e ante-projeto do arquiteto Alexandre Albuquerque (1916-1937). In: CAMPOS, C.; OLIVEIRA, E.R.; GIATAHY, M.L.C. *Território e cidades: projetos e representações 1870-1970*. São Paulo: Alameda, 2011. p.135-163.
- AUMENTO ANUAL das construções. *Revista de Engenharia*, v1, n.1, p.25, 1911.
- AZEVEDO, M.M.M. Uma nova ordem para a cidade a partir da casa: registros em revista do Eng. Victor da Silva Freire Júnior. In: MESQUITA, M.D. *Revistas de Arquitectura: arquivo(s) da modernidade*. Lisboa: Caleidoscópico, 2011. p.54-77.
- BARBUY, H. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo 1860-1914*. São Paulo: Edusp, 2006.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2007.
- BRITO, M.S. *A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano: São Paulo 1890-1911*. São Paulo: FAUUSP, 2008.
- FREIRE JÚNIOR, V.S. Códigos sanitários e posturas municipais (alturas e espaços)". *Boletim do Instituto de Engenharia*, v.1, n.3, p.288, 1918.
- HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. São Paulo: Edições 70, 2010.
- HUCHET, S. Do ver ao mostrar, representação e corpus da arte. In: HUCHET, S. *Fragmentos de uma teoria da arte*. São Paulo: Edusp, 2012. p.226.
- JAMESON, F. A cidade futura. In: SKIKES, K.A. *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.188-204.
- JEUDY, H.P. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- KÜHL, B.M. *Arquitetura do ferro e ferroviária em São Paulo*. São Paulo: Ateliê; Fapesp, 1998.
- LAGENBUCH, J.R. *A estruturação da grande São Paulo: estudo de geografia urbana*. Rio de Janeiro: IBGE, 1971.
- LEMOS, C. *Alvenaria burguesa*. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1989.
- LINN, G. Curvilinearidade arquitetônica: o dobrado, o maleável e o flexível. In: SKIKES, K.A. *O Campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.27-51.
- MARINS, P.C.G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, F.A.; SEVCENKO, N. *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.131-214.
- MARINS, P.C.G. *Através da rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas; USP, 2001.
- MESQUITA, M.D. *Revistas de Arquitectura: arquivo(s) da modernidade*. Lisboa: Caleidoscópico, 2011.
- MITCHELL, W.J. Fronteiras/redes. In: SYKES, K.A. *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.172-187.
- O THEATRO Municipal de São Paulo. *Revista de Engenharia*, v1, n.5, p.147, 1911.
- PALLASMA, J. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- RAMALHO, M.L.P. Da 'beaux-arts' ao bungalow': uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SANTOS, F.A. *Domando águas: salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo, 1875-1930*. São Paulo: Alameda, 2011.

SASSEN, S. Escala e amplitude num mundo digital global. In: SKIKES, K.A. *O campo ampliado da arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.135-142.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

TEYSSOT, G. *Da teoria da arquitetura: doze ensaios*. Lisboa: Edições 70, 2010.

TOLEDO, B.L. *São Paulo: três cidades em um século*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

Recebido
em 5/2/2016 e
aprovado em
2/10/2016.

MIRANDULINA MARIA MOREIRA AZEVEDO | Universidade Metodista de Piracicaba | Faculdade de Engenharia Arquitetura e Urbanismo | Rod. Luis Ometto, km 24, SP-306, 13451-900, Santa Bárbara d'Oeste, SP, Brasil | *E-mail*: <mira.a.mail@gmail.com>.